

Comentário ao trabalho do Dr. Roaldo Naumann Machado *Instinto (Instinkt), pulsão (Trieb), objeto (Objekt): reflexões*

Carlos Ernesto Barredo*, Buenos Aires

Este trabalho se enquadra dentro da antiga tradição da literatura psicanalítica que aponta para conceber nossa disciplina dentro do marco das ciências naturais. Para isso, com clareza e franqueza, o autor encara uma discussão conceitual que tende a destacar que torna-se “a biologia se torna uma ciência indispensável para o progresso da psicanálise” (Roaldo, 2014, p. 270) e afirmar que, do seu ponto de vista, a psicanálise descuidou ou não deu atenção a conceitos e noções provenientes de autores do campo da biologia e da etologia, autores que cita e toma como referência para suas reflexões.

Seu enfoque não se sustenta em apreciações sobre o uso dos termos freudianos que toma como ponto de partida – *Instinkt, Trieb* –, nem em considerações sobre o debate histórico de suas traduções em língua inglesa e na versão denominada *padrão*, conforme o excelente artigo de Luis Carlos Menezes em *Caliban* (2013), ou nas alternativas propostas por Laplanche e Pontalis no *Vocabulaire* (1967), orientados pelos ensinamentos de Lacan.

Objetiva, melhor dito, complementar o que considera como insuficiências da noção de instinto em psicanálise, com propostas provenientes de biólogos e etologistas sobre o inato nos animais, concebido como um saber operante nos organismos e já presente em sua filogênese. Esta proposta, que leva a postular o inconsciente como um *saber prévio*, uma forma de pensar que transcende o representar ontogenético (ao estar filogeneticamente determinado) e ligado a uma

* Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA).

Gestalt cuja pregnância não deriva da imagem, mas de lógicas que operam no processo anímico (Maldavsky, 1986 *apud* Machado, 2014), leva o autor a concluir o seguinte: “Atraído por pistas químicas específicas, o macho ou a fêmea de qualquer espécie percebe, de uma forma programada, algumas fêmeas ou machos de sua espécie (não de outras) como sensuais” (Margulis & Sagan, 1998 *apud* Machado, 2014, p. 699). Tal fenômeno, por transcender o representar ontogenético, pertenceria a esse *saber prévio*.

Presente desde o começo nas publicações psicanalíticas, esta orientação, que busca sustentação no prestígio científico das ciências naturais, encontra expressão, na atualidade, nos trabalhos referentes às neurociências e aos estudos sobre a química dos neurotransmissores sinápticos, ainda que, no trabalho em questão, o autor não avance em direção a estes desenvolvimentos mais recentes.

Entre as diversas referências a autores psicanalíticos que o autor cita como apoio a suas afirmações, centrarei meu comentário nas menções a Bion e a Lacan que, a meu ver, sustentam concepções distintas às que o trabalho defende.

No que se refere a Bion, o autor recorta a categoria de *pré-concepção*, que Bion emprega em sua *grade*, e a utiliza como analogia de um protótipo de objeto que orientaria a busca do instinto, *que não é cego*, em direção ao encontro com o objeto, que ocorreria como resultado de um ordenamento do campo perceptual a partir dessa pré-concepção ou *saber prévio*, guiando a busca em direção a um objeto adequado que, ao ser adaptado na realidade, constituir-se-ia como conceito.

A meu ver, entretanto, a pré-concepção não remete a um saber prévio que operaria como bússola na busca de um objeto adequado à espécie, mas a um lugar relacional na grade bioniana, organizada em função de dois eixos: o horizontal, que se refere aos mecanismos do aparelho ligados à função de adaptação à realidade pela ação, que culminaria no agir com outros (em um grupo de trabalho) para transformar a realidade; e o eixo vertical (onde se localiza a pré-concepção), que dá conta do aumento em qualidade e densidade dos conteúdos submetidos às operações do outro eixo, em função do fator de crescimento (*growth*) do aparelho psíquico, o aparelho para pensar os pensamentos. Concluindo: pré-concepção remete, então, a algo só concebível como um dos termos estritamente engendrados nas interseções da grade.

Ademais, Bion postula, segundo creio compreender, que as transformações mais abstratas do pensamento continuam estando sujeitas a determinações inconscientes, relacionadas a um saber *não sabido* que permanece como tal apesar de suas transformações, como um vazio de saber na origem e não a um *saber prévio* localizável na filogênese biológica.

A persistência do influxo do inconsciente com relação às interseções da

grade permite, inclusive, balancear, matizar a noção de conceito em sua progressão em direção ao sistema dedutivo e no cálculo algébrico e aproximá-la das citações de Pontalis (feitas por Menezes, 2013) que afirmam: “Os conceitos são nossos instrumentos do dia, nada mais. Eles ignoram a sombra, eles recusam a noite” (p. 142). “A condição necessária para a formação de um conceito é o esquecimento: o esquecimento do próprio, do singular, do diferente” (p. 142).

Como termo na grade, o conceito remete não só a clarezas, mas às penumbras da espessura da linguagem que fazem suas potencialidades e nos situam no terreno psicanalítico por excelência, o da fala associativa, o da fala interpretativa, na qual os conceitos podem se perder e ressurgir com formas inesperadas (Menezes, 2013).

No que diz respeito a Lacan, creio que a distância de uma concepção da psicanálise próxima à biologia é ainda mais clara. Ainda que, como se destaca no trabalho que estamos comentando, na época de *O estádio do espelho* (apresentado em 1936 e reescrito em 1949), Lacan tome como referências muitos estudos de psicólogos da Gestalt e exemplos de etologistas em voga nesse tempo, com terminologia emprestada dos mesmos – captura e pregnância da imagem, *Umwelt*, *Innenwelt*, etc. – ele o faz explicitamente guiado pelo que expressa à continuação de seu título – *O estádio do espelho* – “como formador da função do eu, tal como se revela na experiência psicanalítica” (p. 86). É a partir dessa experiência que tenta dar maior precisão a duas noções: narcisismo e identificação.

Seu propósito é dar conta da constituição do ego e de sua função do desconhecimento tal como se evidencia na própria experiência analítica: construir uma noção do ego distanciada de qualquer psicologia geral que o localize como um agente de conhecimento da realidade. O que se infere dessa proposição é que a constituição e o funcionamento do registro imaginário nos humanos são fundamentalmente diferentes dos mecanismos de eficácia das imagens e sua função de disparadores de comportamentos de luta ou acasalamento nos animais.

Os esquemas ópticos que Lacan utiliza, nessa época de seu ensinamento, lhe servem para aprofundar e dar complexidade ao jogo de relações pelo qual o *infans* pode acessar o júbilo de se reconhecer em uma imagem que o aliena. Esse jogo de relações configura a ordem à qual o organismo vivente tem que se sujeitar. Dele provém a permissão que sanciona a identificação em que o ego se reconhece. Essa ordem simbólica, esse ordenamento significativo que fornece os trilhos nos quais o vivente se humaniza, é o que supre certo déficit do organismo, expressado no termo de *pré-maturação*, mas, ao mesmo tempo, é o que origina a perda da harmonia, do funcionamento sem ruptura entre o vivente e seu entorno. É o que a doutrina freudiana propõe como um defeito do instinto sexual que o Édipo viria a suprir.

Com esse ponto de partida, Lacan dedicará seu ensinamento a aprofundar as vias pelas quais uma prática languageira como a nossa pode operar sobre os modos como o humano vivente, o ser falante, vê-se afetado por sua inclusão nessa ordem. As múltiplas referências em que se apoia nesse percurso mostram-no distanciado de qualquer consideração sobre a incidência dos desenvolvimentos da ciência biológica em nossa disciplina.

Historicamente, desde muito antes do surgimento da ciência, a medicina recorreu a diferentes acompanhamentos doutrinários para fundamentar suas práticas. O fato de que a psicanálise surgisse no campo da assistência médica tende a fazer-se sentir em toda uma corrente analítica, que concebe nossa disciplina como um tipo de prestação pertencente a esse campo, apesar dos comentários que Freud (1926) formulou em seu escrito em defesa do exercício da psicanálise pelos leigos. É, a meu entender, nesse terreno que têm vigência as concepções que mencionei no princípio, tendentes a localizar nosso fazer dentro do marco das ciências naturais.

A dificuldade com que nos confrontam essas concepções provém de que essas implicam, como consequências lógicas derivadas dessas formas de conceber, modos de operar, procedimentos a seguir que se distanciam ou se tornam pouco consequentes com os fundamentos de uma prática languageira como a nossa. É, em parte, o caminho seguido pela psiquiatria nos últimos anos. A psicanálise, em minha opinião, teria que esforçar-se por voltar a resgatá-la deste caminho.

Referências

- Freud, S. (1926). A questão da análise leiga. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 20, pp. 205-293). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Lacan, J. (1949). EL estadio del espejo como formación del yo tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica. En J. Lacan, *Escritos I*, (pp. 86-93). Mexico: Siglo XXI.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1967). *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: PUF. Bibliothèque de psychanalyse.
- Menezes, L. C. (2013). Reencontrando las raíces: nuevos aires. *Caliban, Revista latinoamericana de psicoanálisis*, 11(1).

Fontes consultadas

Barredo, C. (2012). Bion-Lacan: entablar un diálogo. *Docta 8, Revista de Psicoanálisis, 10*.

Castel, P. H. (2012). Bion, epistemólogo. *Docta 8, Revista de Psicoanálisis, 10*.

Recebido em 09/01/2014

Aceito em 24/09/2014

Tradução de **Ana Rachel Salgado**

Revisão técnica de **Denise do Prado Bystronski**

Carlos Ernesto Barredo

Armenia2448 PB “A”

1425 Buenos Aires – Argentina

e-mail: calibar1@hotmail.com

© Carlos Ernesto Barredo

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA